

MINISTÉRIO DA CULTURA
FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL
PROGRAMA DE APOIO À PESQUISA
SANDRO ARAGÃO ROCHA

**AS TRAJETÓRIAS DE VIDA E AS RELAÇÕES COM O CORPO EM
CRÔNICAS FRANCISCANAS: O CASO DA OBRA DE FREI MARCOS
DE LISBOA (SÉCULO XVI).**

RIO DE JANEIRO

2018

SANDRO ARAGÃO ROCHA

**AS TRAJETÓRIAS DE VIDA E AS RELAÇÕES COM O CORPO EM
CRÔNICAS FRANCISCANAS: O CASO DA OBRA DE FREIMARCOS
DE LISBOA (SÉCULO XVI)**

Artigo apresentado ao Núcleo de Pesquisa
da Fundação Biblioteca Nacional como
trabalho final do Programa de Apoio à
Pesquisa.

Orientadora: Marcelo Berriel

RIO DE JANEIRO

2018

RESUMO

Na pesquisa aqui proposta iremos trabalhar com as *Chronicas da Ordem dos Frades Menores do Seraphico Padre Sam Francisco (1566 - 1615)*, de Frei Marcos de Lisboa, na qual narra sobre a trajetória de vida dos franciscanos. Como objetivo, buscamos analisar como se dá as representações/relações com o corpo nessas narrativas, apontando possíveis padrões na forma como os integrantes da Ordem dos Frades menores lidavam com este. Para isso, fizemos um breve percurso sobre como o corpo era visto na Idade Média, tendo como intuito contextualizar historicamente o período em que as crônicas se passam. Feito isso, nos utilizamos de bibliografias da história, sociologia, literatura, entre outros para embasar as análises feitas, configurando assim como uma pesquisa bibliográfica.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
1. REFLEXÕES SOBRE O CORPO NA IDADE MÉDIA	6
2. REPRESENTAÇÕES E RELAÇÕES COM O CORPO NAS CRÔNICAS FRANCISCANAS: A ORDEM DOS FRADES MENORES	10
2.1. O corpo e o pecado da sensualidade	15
2.2. Sobre as lágrimas e risos	18
PALAVRAS FINAIS	20
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	21

INTRODUÇÃO

Em textos cristãos, a relação com o corpo sempre foi um elemento extremamente debatido, teorizando questões não apenas acerca da alma, mas também daquele que era visto como a outra parte do binômio que forma o ser humano, o seu “duplo”: o corpo.

Apesar de ainda não haver muitos estudos que envolvam a história do corpo, e todas as problemáticas decorrentes deste, tem suscitado alguns trabalhos com este recorte nas ciências sociais. Marc Bloch (2002), co-fundador da revista dos *Annales*, aponta para a riqueza de possibilidades referente aos estudos sobre o corpo, instigando os medievalistas começarem a reconhecer e se debruçar sobre esse tema.

Nesse sentido, a história do corpo na Idade Média nos faz refletir sobre a cultura ocidental e sobre nossa relação com o corpo na contemporaneidade. Dessa forma, até que ponto o olhar medieval acerca do corpo, pensando a saudade, a doença, as regras e as proibições sobre este, pode servir de base para o percurso histórico das sociedades?

A Ordem dos Frades Menores implantara uma nova perspectiva no mundo cristão europeu, trazendo aspectos como a religiosidade urbana, novas devoções (assim como a perspectiva de santidade), culto à pobreza e outras características já muito estudadas pela historiografia que reafirmam a importância da ordem. Marcelo Berriel (2007), professor de História Medieval da UFRRJ, em sua tese, aponta que a ordem dos frades menores cresceu significativamente, influenciou diferentes setores da sociedade e participou ativamente das questões de seu tempo, tendo muitos frades menores se dedicado à pesquisa e à produção teórica no mundo universitário, influenciando os caminhos do pensamento cristão.

Ainda nesse sentido, a ordem também teve uma outra preocupação: o relato de sua história, construindo, assim, uma memória. Cronistas franciscanos, diferentes dos historiadores modernos, narravam a história tendo como parâmetro textos que relatassem a vida de figuras ilustres para a Ordem dos Frades Menores. Um destes é Frei Marcos de Lisboa, importante cronista que viveu durante o século XVI. As suas *Chronicas da Ordem dos Frades Menores do Seraphico Padre Sam Francisco*, e que será com as quais iremos trabalhar na pesquisa, narram as vidas de santos, ministros gerais e muitas outras figuras importantes para os franciscanos. Indo nessa direção, nos

caminhamos para uma segunda pergunta: seria possível analisar estes relatos de vida sob a perspectiva das relações com o corpo?

Dessa forma, esta pesquisa pretende analisar como as crônicas franciscanas representam o corpo, bem como os aspectos simbólicos da relação com o corpo foram valorizados pelas crônicas. Mais especificamente, busca-se analisar quais ações referentes ao corpo são dada maior importância nas crônicas de frei Marcos de Lisboa, apontando, assim, para um possível padrão comportamental da relação com o corpo nos franciscanos biografados.

Na pesquisa, dividimos o trabalho em dois capítulos. No primeiro buscamos refletir sobre qual era a relação com o corpo na Idade Média, bem como apontar alguns estudos em relação a este, tendo como base o teórico Jacques Le Goff e o jornalista Nicolas Truong (2006). No segundo, nos pautamos em analisar as representações/relações com o corpo na narrativa de frei Marcos de Lisboa, dividindo-o em alguns subcapítulos, tais como: o corpo e o pecado da sensualidade e sobre lágrimas e risos. Nesse capítulo utilizamos como base o supracitado Jacques Le Goff e Nicolas Truong (2006), Michel Foucault (1987), entre outros teóricos.

1. REFLEXÕES SOBRE O CORPO NA IDADE MÉDIA

Se queres sentir a felicidade de amar, esquece a tua alma.

A alma é que estraga o amor.

Só em Deus ela pode encontrar satisfação.

Não noutra alma.

Só em Deus - ou fora do mundo.

As almas são incomunicáveis.

Deixa o teu corpo entender-se com outro corpo.

Porque os corpos se entendem, mas as almas não.

(BANDEIRA, 2009, p. 206)

Antes de entrarmos de fato na análise das relações e representações do corpo nas crônicas franciscanas, acreditamos ser importante discorrer um pouco sobre a história do corpo na Idade Média, tendo em vista a importância de contextualizar a forma como os indivíduos e, principalmente, a Igreja, lidava com este no período em que nos debruçamos a pesquisar.

Segundo o teórico Jacques Le Goff e o jornalista Nicolas Truong (2006), no livro *Uma história do corpo na Idade Média*, a história do corpo constitui uma das grandes lacunas da história, esta que tinha como preocupação os grandes feitos dos homens poderosos: reis e santos, guerreiros e senhores, além de outras figuras que a história tradicional se preocupava em engradecer ou mitificar. Os atos que se mostravam importantes estavam pautados nas batalhas, nos acontecimentos, nas vitórias ou nas perdas, na glória ou no fracasso, mas nunca no corpo. As figuras que representavam os personagens historicizados eram destituídos de sua carne.

Conforme os supracitados Jacques Le Goff e o Nicolas Truong (2006, p. 10),

“se a história foi frequentemente escrita do ponto de vista dos vencedores, foi por muito tempo despojada de seu corpo, de sua carne, de suas vísceras, de suas alegrias e desgraças. Seria preciso, portanto, dar corpo à história. E dar uma história ao corpo.

Pois o corpo tem uma história. A concepção do corpo, seu lugar na sociedade, sua presença no imaginário e na realidade, na vida cotidiana e nos momentos excepcionais sofreram modificações em todas as sociedades históricas”.

“Na disciplina histórica reinou por muito tempo a ideia de que o corpo pertencia à natureza, e não à cultura” (GOFF, Jacques Le; TRUONG, Nicolas, 2006, p 16). Neste sentido, se pensarmos na forma como a relação com o corpo, os costumes, as vestimentas, entre outros fatores, mudaram desde a Antiguidade greco-romana até a Idade Média, só nos resta afirmar que, esse corpo que muda conforme o tempo, também faz parte da história.

Como exemplo da mudança que apontamos referente ao corpo, leiamos o fragmento do *O banquete* de Platão:

E todos os que são corte de um macho perseguem o macho, e enquanto são crianças, como cortículos do macho, gostam dos homens e se comprazem em deitar-se com os homens e a eles se enlaçar, e são estes os melhores meninos e adolescentes, os de natural mais corajoso. Dizem alguns, é verdade, que eles são despudorados, mas estão mentindo; pois não é por despudor que fazem isso, mas por audácia, coragem e masculinidade, porque acolhem o que lhes é semelhante. Uma prova disso é que, uma vez amadurecidos, são os únicos que chegam a ser homens para a política, os que são desse tipo.

Neste trecho, Sócrates, narrado por Platão, exalta a relação entre dois homens, argumentando que esta reflete coragem e masculinidade, indo na contramão da ideia que é apresentada sobre a relação entre pares na Idade Média, e que se confirmam em algumas das passagens das *Chronicas da Orde[m] dos Frades menores do Seraphico Padre Sam Francisco*, do Frei Marcos de Lisboa (1566). Dessa forma, podemos afirmar que o controle da sexualidade¹, ou seja, do corpo, mudou a forma como os indivíduos expressavam seus afetos: se antes era permitido a relação entre dois corpos masculinos, na Idade Média esse desejo se tornou sinônimo de sodomia. Jacques Le Goff e Nicolas Truong (2003) trazem outro exemplo que podemos utilizar para embasar as mudanças dos costumes dos corpos na sociedade - e que reafirma o fato deste ter uma história - no qual se referem ao trabalho do sociólogo e antropólogo francês Marcel Mauss (2003) *Sociologia e antropologia*, que busca clarificar as “técnicas do corpo”.

Marcel Mauss (2003, p. 414) vai dizer em “as técnicas do sono” que “a noção de que deitar numa cama é algo natural é completamente inexata”, pois, diferente de certos países do ocidente, há que se “distinguir as sociedades que nada têm para dormir, exceto "o chão duro", e as outras que

¹ Entendemos como sexualidade o conceito trazido por Michel Foucault (1988) em *História da sexualidade I: a vontade de saber*, que está esta intimamente ligada a forma como o indivíduo se relaciona com o seu corpo.

se valem de um instrumento”. Além disso, ele utiliza outros exemplos para dar base a essa “desnaturalização” do ato de dormir na cama:

A "civilização de 15° de latitude", de que fala Graebner," caracteriza-se,' entre outras coisas, pelo uso de um apoio para a nuca, para dormir. Esse objeto é geralmente um totem, às vezes esculpido com figuras agachadas de homens, de animais totêmicos. Há os povos com esteira e os povos sem esteira (Ásia, Oceania, uma parte da América). Há os com travesseiros e os sem travesseiros. Há as populações que se comprimem em roda para dormir, em volta de um fogo, ou mesmo sem fogo” (MAUSS, 2003, p. 414).

Outra técnica que Marcel Mauss nos apresenta é a “técnica do salto”, discorrendo sobre as suas variações metodológicas e com o tempo:

“todos fomos ensinados a saltar a partir de um trampolim e, mais uma vez, de frente. Felizmente isso acabou. Atualmente salta-se de lado. Salto em comprimento, largura, profundidade. Salto de posição, salto com vara” (MAUSS, 2003, p. 417).

Por fim, apresentando a última “técnica do corpo” de Marcel Mauss, dentre muitas outras, concluímos a proposição contrária a ideia de que o corpo é algo natural e não cultural: “Enfim é preciso saber que a dança enlaçada é um produto da civilização moderna da Europa. O que demonstra que coisas completamente naturais para nós são históricas” (MAUSS, 2003, p. 417).

Nesse sentido, pode-se dizer que com o tempo houve mudança na forma como o indivíduo e a sociedade lida com o corpo, o que, neste caso, nos permite fazer a seguinte reflexão: se com o tempo o corpo muda, então há história neste corpo, pois onde há mudança, há história.

Mas, voltando para a relação com o corpo durante a Idade Média,

A dinâmica da sociedade e da civilização medievais resulta de tensões: entre Deus e o homem, entre o homem e a mulher, entre a cidade e o campo, entre o alto e o baixo, entre a riqueza e a pobreza, entre a razão e a fé, entre a violência e a paz. Mas uma das principais tensões é aquela entre o corpo e a alma. E, ainda mais, as tensões no interior do próprio corpo” (GOFF, Jacques Le; TRUONG, Nicolas, 2006, p 11).

Na Idade Média, em busca da salvação, o corpo é sempre o que sofre penitências dentro do ideal cristão, como busca de limpá-lo do pecado inerente. Neste conflito entre corpo e alma, “o corpo é o grande perdedor do pecado de Adão e Eva” (GOFF, Jacques Le; TRUONG, Nicolas, 2006, p 11). Paradoxalmente, na figura de Jesus Cristo, o filho de Deus, o corpo é glorificado: neste, o corpo do homem toma forma no Deus encarnado, passando não só pela vida, mas também vencendo a morte.

No livro *Uma história do corpo na Idade Média*, Le Goff e Nicolas Truong (2006) falam sobre duas figuras que encarnaram essas tensões com o corpo no século XIII: o rei da França Luís IX e São Francisco de Assis. O primeiro, em nome de sua devoção, põe seu corpo a provas e penitências, buscando fazer jus a uma possível salvação. Já o segundo, que também é personagem das crônicas do Frei Marcos de Lisboa, com a qual iremos trabalhar, se pôs a pregar a alegria e o riso e buscou viver em harmonia com esse corpo, na tentativa de não ceder às tensões que este tinha para época.

Por fim, “é na Idade Média que vemos se formarem o Estado e a cidade “moderna”, que o corpo será uma das mais prolíficas metáforas e cujas instituições o irão modelar” (GOFF, Jacques Le; TRUONG, Nicolas, 2006, p. 29). O corpo, na Idade Média, se tornou um dos maiores paradoxos, sendo de um lado reprimido pela Igreja e, do outro lado, pela mesma instituição, exaltado. “Enfim, durante a cristandade medieval, o corpo sobre a terra foi uma grande metáfora que descrevia a sociedade e as instituições, símbolo de coesão ou de conflito, de ordem ou de desordem, mas sobretudo de vida orgânica e de harmonia” (GOFF, Jacques Le; TRUONG, Nicolas, 2006, p. 13)

2. REPRESENTAÇÕES E RELAÇÕES COM O CORPO NAS CRÔNICAS FRANCISCANAS: CRÔNICAS DA ORDEM DOS FRADES MENORES

As crônicas franciscanas, com o intuito de relatar as experiências de vidas de figuras ilustres para Ordem dos Frades Menores, ganhou grande importância, assim como afirma Marcelo Berriel (2007), em sua tese de doutorado *Cristão e súdito: representação social franciscana e poder régio em Portugal (1383-1450)*, entre os séculos XIV e XV. Dessa forma, assim como toda instituição ligada ao cristianismo, em seus relatos existem elementos que apresentam as tensões que existiam no corpo durante a Idade Média. Com isso, tomando como base fragmentos do trabalho do frei Marcos de Lisboa, as *Chronicas da Ordem dos Frades Menores do Seraphico Padre Sam Francisco*, iremos analisar como a relação/representação do corpo aparecem em seus textos.

Como primeira análise, trabalharemos com a ideia de *Santa Pobreza*², que se referia a ideia de não buscar ter mais do que o corpo necessitava.

Segundo frei Marcos de Lisboa (1566, p. 18), todos os frades deveriam “seguir a humildade e pobreza de nosso Senhor Jesus Christo e lembrem-se que nenhuma coisa do mundo nos é necessária, senão, como diz o Apóstolo, ter o que comer e com o que nos cobrir. Com isso nos contentemos e não queiramos mais”. Ou seja, o corpo dos frades deveria se contentar com o mínimo, com o necessário, e nunca querer mais do que isso, “mais procurando manter-se com pães, lágrimas e de consolações temporaes” (LISBOA, 1566, p. 22). A questão da *Santa Pobreza* era tão importante para o frei São Francisco que em uma das passagens é relatado como ele renunciou a tudo para viver a tudo o que tinha, por acreditar que essa renúncia o aproximava mais do divino.

“Renunciou e deu o quanto tinha por amor de Deos, renunciando a pai e parentes por ficar perfeito pobre e peregrino na terra, e merecer assim agasalhar a santa pobreza que todos lançam de si. Nenhum homem do mundo foi tam cobisoso de ouro, e tam solícito em guardar seu tesouro quanto Sam Francisco da pobreza, preciosa pedra e perola evangelical. Por um momento a nam perder de seu feito e vista, com a pobreza vivia, com ella comia, della vestia, com ella dormia, nella cuidava e com ella sonhava, nam tendo nesta vida mais que un estreito, curto e remendado habito, e corda, e uns panos menores: com esta rica pobreza [...] viveu até a sua morte.” (LISBOA, 1566, p. 24)

² Conceito que aparece, segundo frei Marcos de Lisboa, durante toda a trajetória dos franciscanos.

Esse desprendimento de tudo que era mundano era sinônimo de santidade, de uma maior ligação com Deus. São Francisco de Assis pregava sempre aos seus frades que era necessário se esforçar para esse desprendimento, pois era necessário se desprender das coisas do mundo e, principalmente, do dinheiro, assim como se foge da figura que, para eles, representava o mal. Caso os frades não seguissem esses mandamentos e não se desprendesse das necessidades materiais, inclusive, poderiam sofrer sanções, como podemos ver no trecho a seguir:

“A toda coisa em que não tivesse domínio a santa pobreza era o santo contrario, mas sobre toda maneira lhe aborrecia o dinheiro, e sempre incitava os frades com palavra e exemplos a fugir do dinheiro como do demônio [...]. Aconteceu un dia que un secular vindo fazer oraçam a santa Maria da Porciuncula, deixou junto da cruz de oferta e esmola alguñas moedas, o qual dinheiro vendo depois estar um frade simples em aquelle lugar, o tomou e meteu em um buraco para algum pobre. E como contaram isto ao são Francisco, o frade o conhecendo em terra, ofereceu-se a penitencia. E repreendido[...], lhe mandou o santo Padre q com sua própria boca tirasse o dinheiro donde o pusera, e o levasse fora da cerca da casa, e o lansasse com a boca sobre o esterco[...].” (LISBOA, 1566, p. 24 - 25)

Esse episódio, segundo frei Marcos de Lisboa, fez com que os frades presentes e os que ouviram a história desprezassem ainda mais o dinheiro.

Com esse fragmento, nós podemos criar diálogo com Michel Foucault (1987), no seu livro *vigiar e punir*, onde o teórico diz que a disciplina sobre o corpo gera uma política de coerção, buscando uma manipulação de seus gestos e de seus comportamentos, criando, assim, corpos submissos e obedientes. Segundo Olgária Matos (1984, p. 42), pesquisadora da Teoria das Ciências humanas e professora de filosofia da USP, no trabalho citado, “Foucault fala do nascimento da prisão, traçando sua genealogia - não do ponto de vista de uma história do direito, mas sim de uma história do corpo, de uma genealogia da alma e da moral. A genealogia adota o ponto de vista do corpo, a do corpo supliciado, treinado, marcado, mutilado, decomposto, a do corpo organizado”. Nesse sentido, pensando que nas narrativas de frei Marcos de Lisboa, os frades menores tem um corpo treinado, marcado, organizado por suas crenças e devoções, que buscam seguir um determinado padrão para alcançar a santidade, acreditamos que o fio que liga o conceito de Foucault neste trabalho crie um diálogo possível com a abordagem que buscamos fazer aqui.

Analisemos outros fragmentos para entender melhor como essa busca de um corpo moldado ocorria entre os franciscanos:

“E os outros que prometeram obediência, tenham tua túnica com capelo ou trancem o cabelo se for necessário [...]. E todos os frades se vistam de vestidos vis, e possam nos remendar de laços e outros pedaços com a benção de Deus, porque o Senhor diz em o evangelho: os que com de preço e delicados se vestem, andam em as caças dos princípios. E ainda que sejam chamados de hipócritas, não deixem de fazer o que devem, nem busque vestidos de preço neste mundo, porque os possam ter no reino dos céus” (LISBOA, 1566, p. 16)

Nesse primeiro fragmento, vemos que a busca por esse corpo “organizado”, controlado, inicia-se não só no comportamento, mas também nos cortes de cabelo e nas vestes, de forma a homogeneizar estes que se propunham a seguir a ordem dos frades menores. Essa questão do corte e das vestes se confirma no livro *Constituicoes synodaes do Bispado do Porto*, também do supracitado frei Marcos de Lisboa (1585), na qual ele escreve sobre as regras impostas pela Igreja, na qual uma delas trata exatamente das vestimentas e dos cortes de cabelo dos frades. Dessa forma, tendo uma constituição para controlar a forma do cabelo e as vestes, essa homogeneização não se dava apenas no âmbito religioso, mas também no campo jurídico.

“E se ver um dos ministros andar carnalmente e nam espiritualmente segundo as regras de nossa vida [...], denunciem em o capitulo pentecoste ao ministro, clero e toda fraternidade. E se entre os frades onde moram, por algum frade que quiser viver segundo a carne do mundo, e não segundo o espirito e profissam noso, frades quem mora o amolestem, avisem e com diligência e humildade repreendam. E se elle, depois da terceira amolestasam nam quiser mudar, o mais cedo que puderem, o mandem, ou fasam-no saber a seu ministro ou clero, o qual fasa dele como segundo deus melhor lhe parecer” (LISBOA, 1566, p. 17)

Neste segundo fragmento, o controle deste corpo se dá pelo medo, assim como aparece, também, no episódio em que o frei São Francisco de Assis pune um de seus frades por ter pegado o dizimo da igreja, o obrigando a pô-lo com a boca nas fezes, no intuito de que todos os outros entendessem que não deveriam dar valor ao dinheiro. Com isso, voltamos para questão de que o corpo é disciplinado pelo medo da punição, por saber que está sendo vigiado por outros que, a qualquer momento, pode denunciá-lo.

Ainda referente a questão do medo, um dos relatos mais emblemáticos é quando franciscanos param em um templo de monges e os pede cama, comida e água. Vendo que se tratava de frades, os monges os expulsam do templo negando o pedido. Comovido, um dos monges os escondem dentro do templo, dando-lhes o que comer e beber. Durante a noite, tanto os frades quanto os monges sonharam que haviam morrido. Ao morrer, encontravam Jesus e, pelo fato dos monges terem negado ajuda aos frades, são condenados ao inferno, porém, quando chega o momento do único monge que se dispôs a ajudar os franciscanos ser julgado, ele diz:

“Senhor, meu rei, eu agora o recebo, o abraçando muito fortemente. Despertou do sono, espantado de tão terrível visão: levantou-lhe e foi correndo ao “prior” para lhe contar, e o achou na sua câmara afogado, muito feio e disforme. Dando grandes brados, como se estivesse fora de si, se foi correndo aos outros monges, e os achou da mesma maneira afogados. Este monge foi-se logo ao Abbade e lhe contou tudo o que ocorrerá [...] e o monge mancebo foi o primeiro que naquela terra tomou o habito dos frades menores” (LISBOA, 1566, p. 175)

O monge, nesse relato, não se converteu a ordem dos frades menores apenas por passar a acreditar no Deus cristão, mas, principalmente, através do medo, o que reafirma o argumento que viemos utilizando sobre a relação do corpo que se molda, também, através do medo: “todos os frades que de qualquer maneira declinarem dos preceitos do Senhor e fora da obediência andarem, como disse o profeta, saibam que são malditos” (LISBOA, 1566, p. 17).

Outro aspecto referente a relação com o corpo que é muito presente nas experiências de vida dos franciscanos é a punição. Em alguns dos fragmentos que já apresentamos essa questão aparece, porém iremos utilizar outros para fazer essa análise.

No primeiro trecho com o qual iremos trabalhar, o frei São Francisco de Lisboa está muito enfermo. Por conta disso, mesmo na quaresma, ele come carne no intuito de se curar mais rapidamente, já que o jejum poderia complicar ainda mais a sua saúde. Após a ação, ele se arrepende e, envergonhado, busca se punir, assim como podemos ver a seguir:

“Aconteceu uma vez que muito fraco e agravado da intimidade, alargou a rédea um pouco ao rigor de suas abstinências para poder cobrar saúde. E alcançadas algumas forças corporais, o verdadeiro desprezo de si mesmo, animado para a desonra e confusão sua própria carne, disse: não há razão que o povo me tenha por abstinente, e que eu por contrário comendo carne

viva e me mantendo em segredo. E levantou-se logo todo aceso de espirito da humildade e mandou que alguns frades o levasse por uma corda atada ao pescoço, como malfeitos pela cidade de Assis. E assim levado se foi a praça nu com os panos menores [...]. E ainda que quartenário e fraco em tempo de grande frio, [...] pregou com muito esforço e fervor” (LISBOA, 1566, p. 67)

Como forma de se libertar dos pecados, primeiro frei Francisco de Assis pune o próprio corpo fisicamente e, posteriormente, nu, se põe a pregar sobre o desvio da sua conduta como cristão. Na primeira punição, que é a punição que agride o corpo fisicamente, podemos fazer a leitura como se esta punição simbolizasse uma agressão ao desejo e fraquezas do corpo: Francisco de Assis estava doente, demonstrando fraqueza, e seu corpo, debilitado, precisava se alimentar, simbolizando os desejos de um corpo que não consegue alcançar a pureza da alma, transcender às vontades carnis. A segunda punição, que é o estar nu frente a todos, é uma agressão quando pensamos que o corpo está sendo colocado numa situação vexatória, mas também podemos ler como uma simbologia de uma pregação sem nada que cubra ou esconda o corpo, é uma pregação com o objetivo de se mostrar sem nenhum objeto material que permita uma camuflagem.

No segundo trecho, frei Marcos de Lisboa fala sobre a vigilância que havia quanto aos frades que cometiam algum desvio de conduta, que estes, quando descobertos, eram denunciados. Uma das denúncias que aparece neste fragmento, são sobre “palavras de escândalo”, referindo-se a qual sanção o frade deveria levar caso agredisse com xingamentos outro irmão:

“E porque não fossem julgados, julgavam e acusavam a si mesmos muito frequentemente e se um ao outro dissessem alguma palavra de escândalo, tanto era repreendido da consciência o que a dizia, que não podia quietas até se lançar em terra, e conhecer sua própria culpa ao irmão que ofendera e roga-lhe tanto, que lhe fazia pôr o pé sobre a boca que falara mal, e que a pisasse bem, desta maneira a suprimindo e castigando a soberba.” (LISBOA, 1566, p. 31)

Nesse fragmento temos dois elementos que nos interessam, o primeiro e voltando a questão de Foucault (1987) sobre as ferramentas de vigilância, que nesse caso são os próprios frades. Nesse caso, tanto o clero quanto os próprios frades tomam essa posição de vigiar as ações e desvios entre si, criando o sentimento de medo e de insegurança em praticar qualquer movimento que não esteja

dentro das normas. O segundo elemento cria diálogo com o fragmento que usamos anteriormente, que é a punição que se dá sempre ao corpo. Neste período, quem deveria pagar por qualquer pegado, quem sempre levava a culpa era o corpo, era ele quem deveria sofrer quaisquer agruras.

Nessa passagem, o fato da pessoa ter utilizado a boca para falar “palavras de escândalo”, faz com que a punição seja ter a boca pisoteada, trazendo uma imagem muito simbólica das palavras sujas sendo esmagadas. Como outro exemplo, podemos voltar a punição do dizimo roubado, que foi ter de levar com a boca o dizimo até o esterco, trazendo como significado a leitura de que o dinheiro não presta, o dinheiro é tão sujo quanto o próprio esterco.

Dessa forma, pudemos perceber através do texto de frei Marcos de Lisboa um corpo que se molda frente o desejo de se aproximar da santidade franciscana. Para isso, de acordo com as próprias palavras de Marcos de Lisboa (1566, p. 30), o frei Francisco de Assis “insinuava também o varam apostólico por exemplo a doutrina [...] exercitar a carne rebelde, preguiçosa, em continuas disciplinas, frutuosos trabalhos” (30). Ou seja, havia uma consciência, mesmo que não a que temos hoje, que era necessário moldar o corpo de forma que ele obedecesse e ficasse dócil frente a forma que a Igreja acreditava que o corpo deveria se comportar, de acordo com os preceitos de uma santidade construída por esta mesma instituição. Ter esse corpo organizado, padronizado, era o que permitia um frade estar mais próximo daquilo que era visto como divino ou não.

2.1. O corpo e o pecado da sensualidade

Outra questão que aparece com grande recorrência nos textos de frei Marcos de Lisboa sobre os franciscanos é o que, no período, chamam de “pecado da sensualidade”, o que se referia a não deixar o corpo ceder as tentações da “carne”.

Uma das passagens trazidas nas *chronicas da Orde[m] dos Frades menores do Seraphico Padre Sam Francisco*, e vivida pelo próprio frei São Francisco de Assis, fala sobre como era importante a guarda da pureza e da castidade.

“Com grande rigor e estreita disciplina, velava o bem aventurado Padre sempre sobre a guarda da pureza e castidade, guardando com toda diligência o homem interior e exterior. Pois esta causa em os princípios de sua convenção em tempos de inverno se lançavam nu muitas vezes [...]. Mais tolerável caia sem comparaçam, agirmava les a um varam espiritual,

sofrer grande frio em a carne, que sentir o fogo da sensualidade. (LISBOA, 1566, p. 29)

Nesse episódio o frei comenta que no inverno, pelo fato da roupa demorar muito a secar, era necessário que eles ficassem nus até que suas vestes estivessem seca – e sabendo, também, que por conta do culto a *Santa Pobreza*, os freis não dispunham de mais de uma túnica – os deixando mais suscetíveis ao pecado da sensualidade. Nesse ponto, faz-se importante apontar que aqui aparece relatos de desejos homoeróticos³, já que os freis só tinham contato com pessoas do sexo masculino. Mas, voltando ao relato, após nos dar o panorama de como eles lidavam com o inverno, o frei Marcos de Lisboa dá continuidade a narrativa:

“E aconteceu uma vez que uma noite em o hermo Sarciano estado uma cela aparte em oração, o inimigo antigo chamou trez vezes, dizendo: Fancisco, Francisco, Francisco. Ao qual como respondesse não sabendo quem era, ou que queria [...]. E conheceu logo o servo de Cristo o enganoso do inimigo em suas doces palavras e enganosas, e o que sucedeu o mostroi mais claro, porque logo o sopro daquele cujo folego que faz acender as brasas infernais, sobreveio ao santo uma gravíssima tentação da carne. A qual como sentiu o amador da pureza, despido o habito começou a se açoiatar fortissimamente com corda dizendo: irmão assim te convém ser manso, assim te é melhor o castigo do açoute: o habito é da religiam e he mostra e sinal de santidade, não he licito ao sensual [...]. E ainda sobre isto esforsado com um animoso espirito, saiu da cela e cobriu o corpo nu com muita neve, e começou com suas mãos a fazer sete pelouros na neve e os pondo ante si falava consigo dizendo: olha corpo que este maior é tua mulher, e estes quatro são dois filhos e duas filhas e este outros dois são mouços e a mouças que sam para te servirem, pois ousa logo de vestir que morrem muito de frio e sem os nossos cuidados [...] e serve solitamente a um só senhor, que é muito melhor e mais fácil de servir.” (LISBOA, 1566, p. 19-20)

Permitir que o corpo caísse no pecado da sensualidade se punha tão contra a ideia de santidade e contra os preceitos da Igreja, e essa ideia se agravava ainda mais já que esse desejo

³ Neste trabalho entendemos homoerotismo de acordo com o apresentado por Jurandir Freire Costa (1992), no qual José Carlos Barcellos (2006) discorre: “o homoerotismo [...] é um conceito abrangente que procura dar conta das diferentes formas de relacionamento erótico entre homens (ou mulheres, claro), independentemente das configurações histórico-culturais que assumem e das percepções pessoais e sociais que geram, bem como da presença ou ausência de elementos genitais, emocionais ou identitários específicos. Trata-se, pois, de um conceito capaz de abarcar tanto a pederastia grega quanto as identidades gays contemporâneas, ou ainda tanto relações fortemente sublimadas quanto aquelas baseadas na conjugalidade ou na prostituição, por exemplo.” (BARCELLOS, 2006, p. 20). Nesse sentido, homoerotismo é uma terminologia que se refere não só ao sexo entre duas pessoas do mesmo sexo, mas ao desejo, seja esse praticado ou não, pelo homoerótico.

aparecia dentro de um ambiente que só tinha homens, que o frei Francisco de Assis preferiu cobrir o corpo nu de neve a se permitir ter os pensamentos que o tirassem de perto do divino.

Outra passagem que também é possível perceber o quão terrível era permitir que o desejo da carne se sobrepusesse aos preceitos de Deus, é quando o frei Francisco de Assis foi pregar em Ampulha, onde estava o Imperador Federico II com sua corte, sobre o vício da sensualidade, dizendo que as pessoas que se entregavam a esse vício não entrariam no reino do céu. Alguns cortesões, não gostando do conteúdo da pregação, foram direto ao imperador contar o que estava ocorrendo. Por acreditar que os religiosos pregavam um discurso e fazia outro, decidiu testar a devoção do frei pedindo para que um fidalgo o levasse para casa, oferecendo comida e bebida, e o prendesse numa câmara junto com uma mulher. Sigamos com a história no fragmento que segue:

“Encarregou-se logo um fidalgo desta obra, e foi-se o padre São Francisco, e fingindo grande devoção, o trouxe com importunações a cear consigo a sua casa. E deu-lhe de cear sumptuosamente muitas iguarias e bons vinhos que tinha: mas o servo de Cristo, como costumava comer pouco ou quase nada, muito menos comida daquelas iguarias: e quisera-se ir logo acabada a cea, por não dormir entre aquela gente, mas não o quiserão deixa-lo ir. E levaram a uma câmara que estava muito bem arrumada, e com um leito muito rico, e um grande braseiro cheio de brasas na mesma cama, porque fazia frio. E disseram-lhe que repousasse ali aquela noite a sua vontade. [...] Foram todos e deixaram o santo na câmara e fecharam as portas deixando dentro na cama uma moça, a qual tinha lhe tinham prometido recompensa, caso fizesse pecar o servo de Deus. [...] Ele espantado disse-lhe: porque vieste aqui? Respondeu ela que aquela noite havia de dormir com ele e q havia de ser assim por força. E o santo disse: ora pois, se assim queres e há de ser, eu farei logo a cama. E feita breve oração, se foi ao braseiro e espalhou as brasas a maneira de leito pelo ladrilho e lançou-se sobre elas e começou a repousar em fogo natural [...]. Aquela mulher [...] começou a chorar, dizendo alto que ofendeu a Deus e pedindo perdão ao santo padre [...]. E assim ficou o demônio que isto ordenou vencido e confuso, e os mundanos convertidos a devoção do verdadeiro servo de Cristo, e confessando que fazia pela obra o que ensinava pelas palavras.” (LISBOA, 1566, p. 41).

Aqui, assim como no trecho em que o frei Francisco de Assis se cobre de neve para fugir do pecado da carne, reafirma-se o quão importante era a guarda da castidade, em busca de se manter dentro dos preceitos que a ordem franciscana havia estabelecido, apontando, dessa forma, para mais uma das características do modelo de santidade franciscana.

Este modelo, estas regras que tinham como objetivo aproximar os frades da santidade, era tão rigorosa, que em diversos momentos na narrativa do frei Marcos de Lisboa aparecem proibições claras do frei Francisco de Assis ao contato dos frades com mulheres.

“Que negócios (dizia o santo padre) tem o meu frade que tratar com mulheres, senão quando com religioso? Santo requerimento lhe há pedido confissão? Santa penitência o conselho da alma? [...] Mando firmemente a todos os frade que não tenham suspeitosas familiaridades ou conselhos de mulheres. E que não entrem nos mosteiros doas monjas senão aqueles que seu apostólico concedeu licença especial” (LISBOA, 1566, p. 29);

Nesse fragmento, é dito que os frades só podem ter contato no mosteiro das monjas caso tenha permissão, para não correr o risco de cair no pecado da sensualidade. E, caso seja de fato necessário esse contato, eles enviam os frades mais confiáveis, e que nunca tenha demonstrado nenhum indício de fraqueza quanto ao desejo da carne.

Nesse sentido, aqui a figura da mulher aparece como uma possibilidade de desvio, como a imagem que pode desencadear no homem o desejo. Essa cautela do contato das frades com as monjas demonstram e reafirmam como havia medo dos superiores, e de toda ordem dos frades menores, quanto aos desejos que eram atrelados ao corpo. Essa questão nos leva a refletir na forma como os franciscanos buscavam destituir o corpo da sexualidade e de seus desejos, e quando os desejos falavam mais alto, procuravam caminhos que desviassem desse desejo. Essa destituição da sexualidade/desejo também era uma forma de moldar o corpo, o que para eles os aproximava da santidade franciscana.

2.2. Sobre as lágrimas e os risos

Jacques Le Goff e Nicolas Truong (2006), no livro *Uma história do corpo na Idade Média*, dedicam um subcapítulo para falar sobre a representação do choro e do riso durante a Idade Média, apontando que o pranto – logo, as lágrimas –, se tornou um valor positivo, e o riso, ao contrário, conotou negativamente. E como, ou o que, exatamente operou ideologicamente para que a lágrima e o riso ganhassem esse sentido socialmente? Le Goff e Truong são enfáticos em apontar o cristianismo.

Durante as leituras dos textos do frei Marcos de Lisboa, encontramos alguns dados que nos trouxeram a importância do pranto nas orações dos frades, confirmando o antagonismo entre lágrima e riso trazido pelos pesquisadores franceses.

“Trazia o bem aventurado padre muito grande vela e cuidado, que os seus filhos em oração divinal, officio e exercícios corporais tivessem sempre alegria espiritual de dentro e de fora, contra o veneno da [...] tristeza: como indícios de morada de christo. [...] Por tanto reprendia muito o santo padre aqueles que de fora demonstravam tristeza. Uma vez repreendeu a um de seus companheiros que andavam tristes dizendo porque mostras de fora dos de teus pecados? Entre Deus e ti te esta tristeza e pede-lhe perdão por sua misericórdia com muitas lágrimas, que vê a sua alma alegre santa, da qual es privado por desmerecimento de teus pecados: diante de mim e dos outros, mostra-te sempre alegre e não triste, pois não convém, ao que serve a Deus, diante dos outros ter o rosto triste.” (LISBOA, 1566, p.31)

Nesse fragmento temos algo interessante, que é pensar a lágrima como um elemento que aproxima o frade de Deus e que dá mais força a esse pedido, além de ter ligação direta com a felicidade. “A lágrima, nesse caso, não estava ligada a tristeza, mas sim ao sentimento de alegria. “A valorização do pranto e o sentido das lágrimas são estreitamente ligados ao destino que o cristianismo atribui ao corpo” (GOFF, Jacques Le; TRUONG, Nicolas, 2006, p 71), podendo nos levar a interpretação de que esse pranto para os franciscanos os aproxima de Jesus. “Das lágrimas de Cristo aos prantos proféticos de João, o Novo Testamento fornece uma matéria importante para conferir às lágrimas uma positividade que a Igreja irá explorar amplamente” (GOFF, Jacques Le; TRUONG, Nicolas, 2006, p 72).

Agora, referente ao riso, é necessário pensar primeiro em como na Idade Média existia uma oposição entre alto e baixo, o que fazia com que essa oposição ocorresse também nas partes do corpo. Segundo Jacques Le Goff e Nicolas Truong (2006, p. 76), “O corpo é separado entre partes nobres (a cabeça, o coração) e ignóbeis (o ventre, as mãos, o sexo). Ele dispõe de filtros que podem servir para distinguir o bem do mal: olhos, orelhas e boca”.

Nesse caso, a cabeça estaria do lado do espírito, da alma, e o ventre do lado da carne. Apesar do riso tomar forma nos lábios, ele vem, antes, do ventre. Ou seja, o riso vem da parte em que na Idade Média não era visto como nobre, ao contrário das lágrimas, trazendo assim possivelmente essa conotação negativa.

Esta questão do riso como algo não nobre também aparece nos textos do frei Marcos de Lisboa, assim como podemos ver no trecho a seguir:

“E não se há de cuidar ou entender que o Santo Padre, que era forma de toda honestidade e madureza, quisesse que se mostrasse alegria vã de risou ou palavras, leves, porque não é esta a alegria dos sevos de Cristo como alguns servos cuidam mas outros é vaidade e sinal de pouco espirito.” (LISBOA, 1566, p. 31)

Ou seja, nessa passagem do texto de Marcos de Lisboa nos confirma que o riso era visto como uma ação vã, que afastava daquilo que Jesus Cristo via como positivo. Afastava, aliás, ao contrário da lágrima, de uma alegria que aproximava da ideia de santidade que os franciscanos tinham. Conforme o teórico supracitado Jacques Le Goff e Nicolas Truong (2006, p. 75), “o riso na Idade Média é banido, desterrado, deixado para mais tarde. Ele está do lado do demônio. É da parte do Diabo”, enquanto a lágrima, o pranto, está do lado de Cristo.

Dessa forma, aqui há uma relação com o corpo que perpassa também pela forma como este vai demonstrar seus sentimentos e sua fé. A lágrima e o riso passam a ter, ideologicamente, significados que dão sentidos diversos a este corpo, reconstruindo, assim, a personalidade humana, tendo ação direta sobre os corpos destes cristãos.

PALAVRAS FINAIS

Os textos de frei Marcos de Lisboa trazem um grande panorama de como foi a trajetória e as experiências de vida daqueles que faziam parte da Ordem dos Frades Menores, e a forma como estes se relacionavam com o corpo, qual representação que tinham destes, além daquilo que eles tinham como conceito de santidade.

Nesse sentido, nos preocupamos em fazer análises que nos desse indicativo para como essas questões eram tratadas na Idade Média, mais especificamente entre os franciscanos, e, como pudemos ver, algumas questões vão de encontro com a forma como a sociedade da Idade Média via e tratava o corpo e outras trazem questões tipicamente dos frades franciscanos, apontando para uma relação com o corpo e um conceito de santidade tipicamente franciscano.

Uma das questões que podemos levantar como algo que se refere de fato da representação/relação com o corpo frente a santidade dos franciscanos é o culto a pobreza. Os frades da Ordem dos Frades Menores buscavam trabalhar para fazer com que seu corpo desejasse apenas o necessário para sobreviver, sem que o permitisse querer mais do que realmente precisava, assim como ficou claro em diversos fragmentos durante o desenvolvimento da pesquisa: “e os frades súditos lembrem-se que por amor de Deus, renunciarem suas próprias vontades” (LISBOA, 1566, p. 81). O corpo, dentre qualquer coisa, não podia ter vontade. Ele devia ser desprovido de desejo, de sexualidade ou de qualquer elemento que o pusesse longe do caminho da santidade de Jesus Cristo.

Assim como escreve frei Marcos de Lisboa (2016, p. 16), “a regra de vida destes frades é esta: viver em obediência, em castidade, [...] seguir a doutrina em vida de nosso Jesus Cristo”. Esse foi o trabalho daqueles que viveram a frende de passar os ensinamentos aos frades da Ordem dos Frades Menores e, principalmente, do frei São Francisco de Assis: ensinar aos indivíduos que faziam parte desse grupo a ter um corpo que renunciasse as coisas que viessem do mundo, os aproximando do que alimentava a alma e o espírito.

Por fim, cabe dizer que este trabalho não teve como objetivo esgotar as discussões sobre a relação/representação com/do corpo nos textos de frei Marcos de Lisboa e nas experiências de vida do frei Francisco de Assis, mas buscar trazer alguns elementos que apontassem alguns recortes para leitura destes textos, já que essa perspectiva do corpo nos textos franciscanos ainda é pouco trabalhada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANDEIRA, Manuel. **Estrela da Vida Inteira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BARCELLOS, José Carlos. **Literatura e homoerotismo em questão**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.
- BERRIEL, Marcelo. **Cristão e súdito: representação social franciscana e poder régio em Portugal (1383-1450)**. Rio de Janeiro: UFF, 2007.
- BLOC, March. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002
- COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o Vício: estudos sobre o homoerotismo**. 3.ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumára, 1992.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- _____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. de Raquel Ramallete. Petrópolis – RJ: Vozes, 1987.
- GOFF, Jacques Le; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- LISBOA, Frei Marcos. **Constituicoes synodales do Bispado do Porto**. Coimbra – Portugal: por Antonio de Mariz, & impressas a custa de Giraldo Mendes, 1585.
- _____. **Primeira parte das chronicas da Orde[m] dos Frades menores do Seraphico Padre Sam Francisco**. Lisboa – Portugal: em Casa de Manuel Joam, 1566.
- _____. **Parte segunda das chronicas da Orde[m] dos Frades menores do Seraphico Padre Sam Francisco**. Lisboa – Portugal: Em Casa de Ioannes Blauis, 1562.
- _____. **Parte terceira das chronicas da Orde[m] dos Frades menores do Seraphico Padre Sam Francisco**. Lisboa – Portugal: Na officina de Pedro Crasbeeck, a costa da Religiao, 1615.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003
- MATOS, Olgária. **O corpo e o poder**. Rio de Janeiro: Revista de Administração de Empresas, 1984, p. 42 - 44.
- Platão. **O banquete**. Minas Gerais: M&M Editores, 2003. Disponível em <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/protagoras2/links/O_banquete.pdf> Acesso em: 10 dez. 2017.